

AS FUNÇÕES DA LITERATURA NA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DO MUNDO

Alisson Hudson Veras Lima¹ e Vanessa Silva Almeida²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir o paralelo entre as funções da linguagem e as funções da literatura, perpassando por cada uma das funções que podem emergir das obras literárias, a saber: função lúdica, função catártica, função pragmática, função cognitiva e função estética. Para isso, selecionou-se poemas de autores como Pero Vaz de Caminha (1450-1500), Castro Alves (1847-1871), Oswald de Andrade (1890-1954) e Mário de Andrade (1893-1945), que foram analisados sob a perspectiva das funções da literatura, mostrando, através dos elementos poéticos (linguagem, ritmo, rimas, etc) o modo como tais funções são percebidas. Através dos poemas, buscou-se a conceitualização sobre cada função, concluindo, por fim, com a consideração de que a complementação de uma função em relação à outra é o que faz com quem a Literatura cumpra sua macrofunção que é torna o homem cada vez mais humano.

Palavras chave: Funções da linguagem. Sentido. Interpretação literária.

THE LITERATURE FUNCTIONS IN THE WORLD'S READING AND INTERPRETATION

ABSTRACT

This paper aims at discussing the parallel between language and literature functions, passing through each of the functions that may emerge from literary works, namely: playful function, cathartic function, pragmatic function, cognitive function and aesthetic function. For this, poems by authors such as Pero Vaz de Caminha (1450-1500), Castro Alves (1847-1871), Oswald de Andrade (1890-1954) e Mário de Andrade (1893) were selected and analyzed under the perspective of the literature functions, showing through poetic elements (language, rhythm, rymes etc) the way such functions are realized. Through the poems, the concept of each function was sought, concluding, thus, with the consideration that the complementation of a function regarding to another is what makes literature comply its macrofunction, which is making the man more human.

Key words: Language Functions. Meaning. Literary interpretation.

¹ Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de Língua Portuguesa na Educação Básica da Secretaria Municipal de Russas (SEMED Russas) e pesquisador ligado ao Laboratório de Psicolinguística e Ciências Cognitivas da Universidade Federal do Ceará/CAPES. alissonhudson@gmail.com.

² Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora de Língua Portuguesa e Inglesa no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus de Umirim. vanessa.almeida@ifce.edu.br.

INTRODUÇÃO

A Literatura é uma forma de expressão artística que, bem como as demais expressões, é feita visando atingir o público e, quando há algum tipo de manifestação por parte do outro, estabelece comunicação com quem entra em contato com a obra literária, sendo, portanto, um ato comunicativo.

Pensar em comunicação no sentido *lato* da palavra é conceber o estabelecimento de contato entre participantes de uma situação comunicativa na qual alguém envia uma informação para alguém que a recebe e a compreende.

Sobre o ato de comunicação, Jakobson (2008) defende que para o estabelecimento e cumprimento da comunicação por meio da linguagem é necessário que os componentes do ato estejam intimamente ligados, sendo eles: (i) o emissor, (ii) o receptor, (iii) o referente, (iv) a mensagem, (v) o código e (vi) o canal.

Neste contexto, entende-se como (i) emissor aquele que envia/codifica uma informação escrita, falada ou gesticulada; (ii) receptor aquele que recebe/decodifica a informação enviada pelo emissor; (iii) referente o assunto da informação passada por meio de uma (iv) mensagem que é o texto (a informação) escrito, falado ou gesticulado; (v) código a língua usada entre os participantes do ato comunicativo; e, (vi) o canal o meio físico pelo qual o código se propaga, como o papel, *grosso modo*, para a escrita, o ar para os sons da fala ou as mãos para os gestos.

Este autor defende que, se em algum momento ou por algum motivo, um dos elementos que compõem o ato comunicativo não estiver em consonância com os demais, a comunicação e, por conseguinte, a compreensão estarão comprometidas.

A partir disso, é possível compreender que, durante a comunicação, emitimos textos com focos distintos, podendo estar focado em um elemento do ato comunicativo e, por isso, Jakobson (2008) propôs as chamadas funções da linguagem.

Entretanto, pensando de maneira mais ampla, sendo a Literatura um tipo de comunicação e cada obra tendo um foco distinto, uma vez que os textos literários não são herméticos, a maneira como podem atingir os leitores tende a ser bem específica e, por isso, podem ter uma função determinada.

Mas, afinal, as funções da linguagem, conforme propostas por Jakobson são aplicáveis também à Literatura? Ou será que haveria outras formas de concebê-las neste tipo de comunicação?

De maneira geral, o que se pode afirmar para a primeira questão é que não: as funções da linguagem conforme propostas por Jakobson não são as mesmas funções da literatura mas, ao se responder a segunda questão, pode-se dizer que sim, há funções específicas a partir da maneira como as obras literárias são criadas.

Levando em consideração que os livros didáticos voltados para o ensino de Literatura não trazem algo específico sobre as funções da literatura e, em muitos casos, nem mesmo durante cursos de graduação em Letras os alunos passam a ter este conhecimento, objetiva-se, neste artigo, remontar as diferenças entre as funções da linguagem e as funções da literatura por meio de aporte teórico de fundo linguístico-literário.

A partir da definição de cada uma das funções da literatura e de excertos de textos de autores conhecidos do grande público, pretende-se contribuir um pouco mais com o debate do papel da Literatura e a função da leitura de obras literárias para a construção de sentidos e para a

interpretação do mundo o que, por si só, já pode ser entendido como a função maior da Literatura.

AS FUNÇÕES DA LITERATURA

Entendendo a comunicação de acordo com a proposta de Jakobson (2008) como ato que envolve seis elementos intimamente ligados – emissor, receptor, referente, mensagem, código e canal – pode-se perceber que, a depender do que for escrito, dito ou gesticulado, não podemos compreender da mesma forma.

Duas pessoas diferentes tem de avisar aos colegas de turma sobre uma aula que foi cancelada pelo professor minutos antes de começar, estando todos os discentes à espera do último: pode-se imaginar que uma pessoa diga algo como: “O professor mandou avisar que houve um imprevisto e a aula de hoje foi cancelada”; e outra pessoa dizendo: “Hoje não vai mais ter aula porque, como sempre, o professor inventa uma desculpa e a gente fica aqui à toa.

Eu não suporto mais esse professor, se eu não fosse obrigado a terminar essa matéria... e o pior, só tem ele nessa disciplina”. Ao se analisar essas possibilidades hipotéticas, pode-se dizer que a informação está sendo dada da mesma maneira? A resposta é negativa, apesar de, em tese, constar a mesma macroinformação (o fato de a aula ter sido cancelada). Porém, a primeira pessoa é objetiva e apenas dá a informação enquanto a segunda enfatiza suas impressões, chegando ao ponto de chamar atenção apenas para o que ela acha da situação, portanto, diante de funções da linguagem distintas.

A partir da questão de foco da informação, Jakobson (2008) propôs que, já que há seis elementos da comunicação, é possível enfocar especificamente cada um deles e, assim, há, para cada um dos elementos, uma função da linguagem, sendo: (i) a função emotiva, (ii) a função conativa, (iii) a função referencial, (iv) a função poética, (v) a função metalinguística e (vi) a função fática, conforme podemos ver na Figura 1.

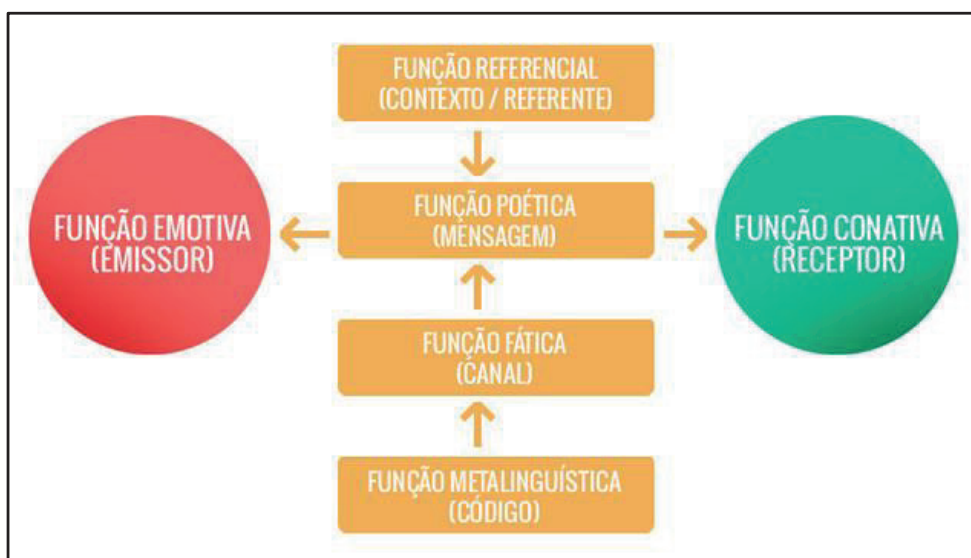


Figura 1 – As funções da linguagem e seus respectivos focos

Fonte: <<https://www.todamateria.com.br/funcoes-da-linguagem/>> Acesso em: 15/08/2019

Já na Literatura, quando se pensa nas funções da linguagem, deve-se tomar cuidado, pois, apesar de observar as diferenças entre as obras, é preciso, em primeira instância, compreender que, pelo fato de o ato de comunicação ocorrer de maneira muito distinta no espaço e no tempo, não é possível imaginar as mesmas funções da linguagem sendo aplicadas tal qual para obras literárias.

Didimo (1983) propôs que as funções da literatura são: (i) função lúdica, (ii) função catártica, (iii) função pragmática, (iv) função metaliterária, (v) função cognitiva, (vi) função sinfrônica e (vii) função humanizadora, sendo que a função de (i) é causar prazer no leitor, (ii) é mobilizar o próprio autor dentro do texto, (iii) é despertar no leitor algum tipo de desconforto consigo, (iv) é mobilizar a própria literatura em prol de si, (v) é passar algum tipo de ensinamento para o leitor, (vi) é superar a barreira espaço-tempo e (vii) é tornar o leitor mais humano.

Dídimo (1983) aponta também o seguinte paralelo entre as funções da linguagem e as funções da literatura, conforme sumarizado no Quadro 1.

Quadro 1. Paralelo entre as funções da linguagem e as funções da literatura

FUNÇÕES DA LINGUAGEM	FUNÇÕES DA LITERATURA
1. POÉTICA	1. LÚDICA
2. EMOTIVA	2. CATÁRTICA
3. CONATIVA	3. PRAGMÁTICA
4. METALINGUÍSTICA	4. METALITERÁRIA
5. REFERENCIAL	5. COGNITIVA
6. FÁTICA	6. SINFRÔNICA
7. COMUNICADORA	7. HUMANIZADORA

Fonte: Didimo (1983)

Ao se observar a proposta de Didimo (1983), nota-se a presença de uma sétima função da linguagem – a função comunicadora. Ao se embasar em Jakobson (2008), aquele autor propõe que há uma função maior da linguagem que é comunicar e, por isso, atribui à linguagem a função comunicadora, que não entra como uma função da linguagem na classificação de Jakobson (2008).

De qualquer forma, as funções da literatura sofreram alterações/melhorias em suas conceitualizações ao longo dos anos e, na maneira como apresentadas a seguir, podem ajudar a compreender melhor como as obras literárias ajudam na construção de sentido e na interpretação do mundo.

AS FUNÇÕES DA LITERATURA

As obras literárias, enquanto atos comunicativos, podem levar o leitor a construir sentido para o texto lido a partir de sensações e informações distintas, sendo que a complementação entre a forma pela qual o texto é disponibilizado ao seu leitor e a maneira como é recebido, ajudam a construir sentido às obras e, assim, podem fazer emergir funções específicas da obra.

D'Onofrio (2007) afirma que há, na obra literária, cinco funções que ora predominam, ora se complementam durante a leitura de uma obra e que servem para construir os sentidos do texto, sendo elas: (i) função lúdica, (ii) função cartática, (iii) função pragmática, (iv) função cognitiva e (v) função estética. Segundo este autor, a função lúdica ocorre quando há, na obra, um jogo entre o autor e o leitor de forma que ambos coexistem durante a leitura, sem a necessidade do convívio simultâneo e, assim, a obra passa a ser prazerosa e, em alguns casos, passa a ter o *status* de leitura de deleite.

Como exemplo, cita-se o seguinte poema-piada de Oswald de Andrade:

Amor
Humor
(ANDRADE, 1991, p. 21)

O poema é composto apenas de duas palavras: o título (amor) e a definição dada pelo poeta (humor). A construção feita por Oswald de Andrade (1991) cumpre a função lúdica à medida que provoca um estado no leitor, seja ele de graça, ou mau-humor, devido à quebra da expectativa comum que um leitor teria ao iniciar a leitura de um poema. O poema em questão é curto, mas o jogo de palavras é evidente, além de chamar o leitor à interação pelo riso, ou pela surpresa.

Contudo, é preciso entender que as obras em que há função lúdica não devem ser vistas como obras de menor valor, pois, em essência, é essa facilidade prazerosa da leitura que vai fazer com que o leitor dos contos infantis de Clarice Lispector, por exemplo, ou o leitor-amigo de Machado de Assis adentrem na obra e, assim, construam o sentido.

A função catártica leva o leitor a repensar seus próprios valores e atitudes como pessoa. Esta função, segundo D'Onofrio (2007) ocorre quando, em obras literárias, o leitor é exposto a situações que o levem a contrapor suas crenças e, a depender do contexto, mudem de postura.

Esta função pode ser notada em obras como o conto "Pai Contra Mãe", de Machado de Assis. Neste conto, um pai tem seu filho sequestrado por ter, em seu poder, a escrava de outro senhor e, para reaver seu filho, ele precisa devolver a escrava.

A escrava, que estava grávida, é levada para um terreno de chão batido para que haja a troca do filho por ela e, por tanta raiva da

situação, o homem com quem a escrava estava, empurra-a com tamanha força que, ao cair, ela entra em processo de aborto instantâneo.

Com tal cena, pode-se notar que o autor buscava mobilizar, ou ao menos sensibilizar, as pessoas a reverem a maneira como tratavam os escravos na época em que o conto foi escrito e, por se tratar de uma cena de desumanidade, levar os costumes a serem repensados, chegando, em certas ocasiões, a fazer com que o leitor purifique a si mesmo e a suas emoções (D'ONOFRIO, 2007).

Outro exemplo de função catártica pode ser observado neste trecho do romance *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco (1994), em uma das cartas de Teresa dirigida a Simão em sua despedida:

Daqui a pouco, perderás da vista este mosteiro; correrás milhares de léguas, e não acharás, em parte alguma do mundo, voz humana que te diga: - A infeliz espera-te noutro mundo, e pede ao Senhor que te resgate.

[...]

Que importa morrer, se não podemos jamais ter nesta vida a nossa esperança de há três anos?! Poderias tu com a desesperança e com a vida, Simão? Eu não podia. Os instantes do dormir eram os escassos benefícios que Deus me conceda; a morte é mais que uma necessidade, é uma misericórdia divina, uma bem-aventurança para mim (BRANCO, 1994, p. 197).

É inegável que o contexto construído pela leitura do romance camiliano suscite inúmeras emoções por parte do leitor, pois há uma identificação deste com o sofrimento dos personagens Teresa e Simão. Este é o fundamento primeiro da catarse. Aristóteles a definiu como sendo a purificação das emoções, ou seja, o leitor

que leia uma história que o emocione procurará purificar, aliviar tais emoções pelo choro ou pelo riso, tendo comisseração dos personagens, ou temor de que o sofrimento vivenciado na história venha a acontecer consigo.

A função pragmática aparece em obras que têm caráter ideológico e serve como forma de denúncia das mazelas sociais, levando o leitor a compreender a realidade de um povo em dada época e, assim, ser capaz de vislumbrar maneiras de transformar o meio. É também chamada de função político-social (AMARAL, 2001) ou de função ideológica (BESSA, 2002), tendendo a desembocar na função cognitiva, por estarem, de certa forma, intimamente ligadas. Exemplo dessa função pode ser verificado no trecho a seguir de “O Navio Negro”, de Castro Alves:

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a
noite,
Horrendos a dançar...

[...]

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

[...]

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...”
(ALVES, 1983, p. 44-46)

No cânone da literatura brasileira, Castro Alves integra a terceira fase do Romantismo, fase esta conhecida por Condoreirismo. Os poetas e romancistas desse período tinham por propósito principal tecer críticas e combater os excessos da sociedade. Nesse contexto, o poema “Navio Negro” se apresenta com uma grave crítica aos sofrimentos enfrentados pelos escravos nos trajetos marítimos da África para o Brasil. A crítica é construída no âmbito do poema pelo contraste entre a beleza do céu, a infinidade do mar e o horror das cenas, a barbárie vivenciada pelos escravos no navio que os transportava. O poema constitui-se, portanto, como uma arma de combate, uma voz contrária ao regime injusto e cruel dos senhores de escravos.

A função cognitiva, por sua vez, leva o leitor a adquirir algum tipo de conhecimento que pode ser usado em sua vida diária a partir de histórias contadas em obras literárias. Esta função explica o fato de as pessoas se referirem aos vírus de computador como Cavalo de Troia, fazendo remissão à história do presente dos gregos para os troianos na obra *Ilíada* de Homero, passando a usar, na linguagem computacional, a associação de algo aparentemente bonito e dado de bom grado, mas capaz de destruir algo maior, conforme ocorre no livro homérico (GELLHAUS, 2012).

Essa função pode ser observada mais especialmente na literatura dita de informação, produzida durante o Quinhentismo no Brasil, como as cartas do descobrimento da terra, da qual a que tem mais relevância é a *Carta de Pero Vaz de Caminha*:

[...] a pele deles é parda e um pouco avermelhada. Têm rostos e narizes bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem se preocupam em cobrir ou deixar de cobrir suas vergonhas mais

do se que preocupariam em mostrar o rosto. E a esse respeito são bastante inocentes. Ambos traziam o lábio inferior furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, fino na ponta como um furador [...] (CAMINHA, 2006, p. 39).

Como se pode observar, a carta foi escrita com o intuito de passar uma informação ao rei, que não tinha conhecimento a respeito das novas terras. A função cognitiva, portanto, opera no nível do conhecimento novo adquirido pelo leitor, ou seja, ele passa do estado de não saber para o estado de saber.

Já a função estética esbarra na própria criação literária, pois é o fazer do autor que dá à obra o formato artístico (SCHILER, 1989; ISER, 2002) e, em muitos casos, é o estranhamento do leitor com relação à obra que ajuda a construir o sentido e, assim, atribuir sentido a partir da combinação forma/conteúdo, interpretando o dito e o não-dito em obras como nos poemas cubistas de Oswald de Andrade e os poemas concretos de Ferreira Gullar. Como exemplo, apresenta-se o seguinte poema de Oswald de Andrade:

HÍPICA
Saltos records
Cavalos da Penha
Correm jóqueis de Higienópolis
Os magnatas
As meninas
E a orquestra toca
Chá
Na sala de cocktails
(ANDRADE, 2012, p. 10)

Nesse poema cubista, Oswald de Andrade apresenta o ambiente de uma corrida de cavalos na hípica. Além disso, há uma “sobreposição” de imagens, que desloca o olhar do leitor da

pista e o direciona para o público. O resultado é a criação de uma imagem plurissignificativa, composta de diferentes planos da própria realidade, o que faz com que seja suscitada no leitor a contemplação do poema que, em literatura, ocorre pela função estética.

Por fim, retomando a classificação das funções da literatura como proposto por Didimo (1983) e deixada de lado por estudiosos mais modernos (SCHILER, 1989; AMARAL, 2001; BESSA, 2002; D’ONOFRIO, 2007; GELLHAUS, 2012), precisa-se retornar à função humanizadora.

De acordo com Cândido (2004), levando em consideração o todo que compõe a obra literária e suas funções que focam especificamente em um objetivo, percebe-se que, assim como a linguagem tem a macrofunção comunicadora, a literatura tem a macrofunção humanizadora, pois “a função primária da literatura” é criar sentido, despertar prazer, ser apreciada como expressão do belo, entre outros inúmeros conceitos que podem a ela ser atribuída, mas todas com a mesma função: levar o leitor a interpretar o mundo de maneira mais humana, sendo capaz de olhar para si e para o outro com a sensibilidade que somente a Literatura e as artes em geral são capazes de levar o homem a vivenciar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo remonta o paralelo entre funções da linguagem e funções da literatura, uma vez que estas são pouco tratadas em livros didáticos e em cursos de graduação em Letras. Nesse sentido, considerando que a literatura é um tipo de linguagem, é crucial compreender como cada obra pode vir a ter uma função que desperta sensações distintas no leitor.

Enquanto as funções da linguagem tem foco em um dos elementos da comunicação (JAKONSON, 2008), as funções da literatura, por tratarem de obras que remetem ao mundo e levam o leitor a construir sentido e interpretar o meio circundante, podem ter focos que levem o leitor a terem percepções distintas do texto lido.

Sabendo que as obras literárias, em suas mais diversas facetas, são capazes de servirem como prazer ao leitor ou até mesmo despertarem interesse por sua estranheza, tem como grande foco fazer com que quem as lê possa, acima de tudo, compreender melhor o mundo e, assim, conforme propõe Cândido (2004), torna o homem mais humano.

Portanto, enquanto se pensa nas funções da linguagem como excludentes ou sobrepostas hierarquicamente entre si, deve-se pensar nas funções da literatura de maneira complementar, podendo haver a sobreposição de uma por outra, mas sempre dialogando entre si para que, ao final, a interpretação da obra leve à compreensão e à atribuição de sentido do mundo por leitores que se tornam pessoas melhores por meio da Literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, C. **Navio negreiro**: tragédia no mar. São Paulo: Global, 2008.
- AMARAL, E.; MARTINS, G. **Literatura para Unicamp** 2002. São Paulo: Ateliê, 2001.
- ANDRADE, O. de. **Poesias reunidas de O. de Andrade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- _____. **Primeiro caderno de poesia do aluno Oswald de Andrade**. São Paulo: Globo, 1991.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. Lisboa: Casa da Moeda, 2003.
- BESSA, M. S. **Os perigosos**: autobiografias e Aids. 2002.
- BRANCO, C. C. **Amor de perdição**. Jandira: Ciranda Cultural, 1994.
- CAMINHA, P. V. de. **A carta do descobrimento ao Rei D. Manuel**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CANDIDO, A. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio Comprido: Ouro sobre azul, 2004.
- D'ONOFRIO, As. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, p. 75-88, 2007.
- DÍDIMO, H. As funções da linguagem e da literatura. **Revista de Letras**, v. 6, n. 1/2, 1983.
- GELLHAUS, A. Aspectos cognitivos da literatura. **Pandaemonium ger.** [online]. 2012, vol.15, n.19, pp.1-16.
- ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. **Teoria da Literatura em suas Fontes**, v. 2, p. 955-987, 2002.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- SCHILLER, F. **Educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 1989.